

Nietzsche e a História

Anna Hartmann Cavalcanti

Introdução

Nietzsche trabalha, em sua crítica à modernidade, com um modelo oculto. É muito difícil compreender seus textos sem estar atento a este modelo presente em todas as linhas de sua crítica e com o qual dialoga em silêncio e de forma dispersa. A cada capítulo um novo elemento surge ou é retomado, elemento que indica seu modelo silencioso. Assim também ocorre com a «Segunda Consideração Extemporânea» na qual Nietzsche trabalha a história. O texto permanece misterioso até o seu último capítulo, quando Nietzsche revela o modelo sem o qual é incompreensível sua crítica à modernidade. Pois não se trata de uma crítica que dialoga a partir dos mesmos critérios modernos, afasta-se deles e os observa de fora. E ficamos nos perguntando o que pode ser a História, ou mesmo o conhecimento depois de Nietzsche ter retirado a possibilidade de compreendê-los a partir dos critérios da modernidade filosófica. O que pode ser a história, se esta não é um conhecimento? O que pode ser um conhecimento, se este não é analítico e reflexivo? Para compreender o que Nietzsche nos propõe é preciso esclarecer da onde ele fala. Como filólogo e profundo conhecedor da Grécia antiga, Nietzsche ressalta inúmeras vezes, durante toda sua obra, seu entusiasmo por esta época. Mas é importante ressaltar que se a Grécia se tornou para ele, assim como para inúmeros pensadores, um modelo, não foi no sentido de retomá-la na modernidade, o que equivaleria a alimentar a ilusão de um passado perdido. O que importa a Nietzsche são os efeitos que um tal passado, interpretado corretamente, possa provocar na juventude de seu tempo. Nesse sentido a Grécia é um modelo; um modelo de alto ideal de cultura, capaz de fazer renascer um ideal sufocado pela educação moderna.

A primeira parte deste trabalho se propõe a esboçar a imagem do modelo grego tal como Nietzsche o interpretou. Em seguida veremos como Nietzsche encontra, nesse modelo, um valor da história bastante distinto daquele de sua época.

1. A Grécia como Cultura Autêntica

No capítulo 10 da «Segunda Consideração», Nietzsche vai buscar na história e na cultura grega antiga lições capazes de auxiliar a juventude em sua tarefa de criar uma cultura autêntica. Estabelece uma relação entre mistura de estilos da cultura alemã da época e a Grécia em um dado momento de sua história, mostrando como a cultura grega foi, por muito tempo, uma mistura de formas estrangeiras. No entanto, o grande valor da Grécia foi ter aprendido a «organizar o caos» e elaborar uma cultura própria e original capaz de se libertar e enriquecer a cultura de seus antepassados. Nesta idéia de «organizar o caos» está o valor que Nietzsche atribui à cultura grega: a capacidade de criar proveniente de uma forma «saudável» de se relacionar com o tempo passado e futuro. Foi pela capacidade de entrar em si mesma, esquecendo e elaborando o passado, refletindo e buscando o futuro, que a cultura grega pôde ser criadora.

A relação com o passado supõe o que Nietzsche chamou de «força plástica»:

[...] a faculdade de crescer por si mesmo, de transformar e assimilar todo o passado, e o heterogêneo [...], de reconstruir as formas destruídas.¹

Esta capacidade de se apropriar do passado é o que permite ao mesmo tempo que a cultura dele se libere. Todo ato criador supõe uma suspensão sobre o tempo, uma «atmosfera vaporosa» na qual o novo possa surgir. Criar supõe esse poder de assimilação e liberação do passado, poder estar fora do tempo e se situar em uma atmosfera não-histórica. Da mesma maneira, Nietzsche identifica em toda cultura «saudável» um instinto criador que em sua época ele associou à juventude. Este instinto se volta para o futuro sempre que algo presente o impede de crescer e, a partir de si próprio e de suas necessidades, vai amadurecendo uma imagem e um ideal de futuro.

O que permitiu aos gregos «organizar o caos» foi essa capacidade de esquecer e assimilar o passado no momento em que uma mistura caótica de estilos invadia sua cultura e, ao mesmo tempo, voltar-se para si próprios em direção ao futuro. Parece que Nietzsche une o passado e o futuro a partir de um mesmo princípio; o que orienta como um sinal o momento de esquecer o passado, orienta também a formação de uma atmosfera fértil na qual os homens possam amadurecer uma imagem do futuro. Este princípio é a vida e é esta que orienta os homens à expansão e ao crescimento. Se entre o passado e o futuro se forma um intervalo de tempo que Nietzsche chamou de não-histórico é porque a vida precisa, para prosseguir seu crescimento, de se renovar. A vida é ela mesma esse instinto criador e o valor que Nietzsche atribui à cultura grega está na afirmação deste princípio:

[...] a idéia de uma cultura que é uma natureza nova e enriquecida, [...] cultura concebida como a união da vida e do pensamento, da aparência e do querer.²

1 Nietzsche, F., «Da Utilidade e dos Inconvenientes da História para a Vida», em *Considerações Extemporâneas*, Lisboa, ed. Presença/Martins Fontes, 1980, p. 108.

2 Nietzsche, F., *op. cit.*, p. 205.

A cultura é o ato de aperfeiçoar a natureza, de modelar esse texto originário e portanto de criar. A cultura cria a partir da natureza e é porque ela é uma «natureza aperfeiçoada», que manifesta seu sentido estético. Daí toda a importância do não-histórico para Nietzsche, este é condição da criação.

Como nos mostrou Andler³, foi na cultura grega que Nietzsche viu pela primeira vez a possibilidade de uma aplicação social da teoria de Lamarck e Darwin. O caráter agonístico da cultura grega, manifesto em suas atividades culturais, mostra como é possível disciplinar os instintos sem anulá-los e como tais instintos podem ser aperfeiçoados pela cultura. Também a dissimulação,⁴ como um instinto e um recurso da vida, aparece entre os gregos aperfeiçoada.⁴ Os gregos souberam transformar a dissimulação, que é para Nietzsche uma necessidade da existência, em Arte. Dessa forma, a necessidade torna-se uma arte da existência, um poder de aperfeiçoar e elevar a natureza. Se a cultura é essa «natureza aperfeiçoada» é porque conhece os limites e a fragilidade da existência; elevar-se é sentir a necessidade de transformar os limites e as condições da existência e criar formas melhores de adaptação. É portanto aprender a se superar.

O que a cultura grega nos ensina é o poder criador humano. Mas este ensinamento é semelhante ao preceito délfico:

[...] não esconde nada, não anuncia nada, mas contenta-se com sugerir.⁵

Em outras palavras, contenta-se em ensinar o sentido estético que cada um possui em si próprio. Nesse sentido, criar é superar-se, é partir de uma diversidade de influências, «ir entrando em si próprio» e transformar em algo novo e original aquela diversidade. E se Nietzsche tomou a tragédia grega como modelo, foi porque esta tornou esse princípio da vida o valor por excelência da existência humana.

Assim, o ponto que revela para Nietzsche a grandeza da cultura grega é essa identidade original entre vida e criação e ao mesmo tempo entre vida e temporalidade. Este ponto nos leva ao tema da «Segunda Consideração», as relações entre a vida e a história.

2. A História como Experiência

Nietzsche se assemelha neste ensaio a um filósofo-médico. Seu intuito não é apenas negativo: o de fazer a crítica do estudo de história e dos historiadores modernos. É também o de elaborar a terapêutica dessa doença moderna; como observou Andler⁶, à ciência e à arte podem faltar o instinto da vida e o sentido de orientação. A filosofia é, ela mesma, este instinto e este sentido. Neste ensaio

3 Andler, C., *Nietzsche, sa vie et sa pensée*, Paris, Gallimard, 1958, vol. 2, pp. 159-164.

4 *Idem*, p. 160.

5 Nietzsche, F., *op. cit.*, p. 204.

6 Andler, C., *op. cit.*, vol. 2, p. 164.

trata-se disso: se a Ciência falhar em seu sentido de orientação cabe à filosofia indicar qual o valor do conhecimento e reorientá-lo na afirmação da vida. A terapêutica é recolocar a história em seu lugar, utilizá-la como fonte de experiência e não como um saber que enfraquece e se afasta da vida.

Segundo Andler⁷, Nietzsche compreende a memória como forma de adaptação que marcou a superioridade dos homens sobre os animais. Se tal memória é um recurso da vida, o sentido histórico, como forma da memória, pode orientar os impasses humanos em sua existência presente. Tanto a história pode ser útil ao presente, fortalecendo crenças ou liberando a vida dos antigos obstáculos, como pode impelir ao futuro a partir de seus ensinamentos.

Foi esse sentido de utilidade que Nietzsche desenvolveu em sua noção de história tradicionalista e crítica.

A virtude da história tradicionalista é mergulhar no tempo encontrando nele pressentimentos do futuro, ter a sensibilidade de ver no passado tudo o que permitiu às gerações presentes nascerem:

[...] o prazer de saber que não se é um ser [...] arbitrário e fortuito, mas que se vem de um passado que se é herdeiro...

Para se conservarem, os homens criaram hábitos que permitiram, através de uma grande luta, a permanência da espécie. Em nome desse princípio da vida, cria-se uma relação de herança e gratidão entre gerações. Assim surge, entre o passado e o presente, um fio de continuidade que fortalece a crença das gerações em si mesmas através de seu sentido de herança. É ainda esse sentido que, unindo-as fortemente a um passado, permite que a história possua um valor educativo. Assim como antes os oráculos orientavam os homens, a história, baseada em «um rigoroso conhecimento do passado», agora orienta-os. Mas isso só se torna possível porque a identidade entre o passado e o presente se constrói sobre um forte sentimento de vida, permitindo que a conservação do passado seja útil ao presente.

A história tradicionalista degenera logo que a vida presente deixa de a animar e vivificar, [...] e deparamos com o espetáculo repugnante de uma fúria cega de colecionador, empenhada em desenterrar tudo o que existiu no passado.

Conservar não possui o sentido de copiar e colecionar, mas até mesmo de romper e superar, pois a própria tradição carrega em si a necessidade de revolução¹⁰.

Nesse sentido, o passado está a serviço do presente, a tradição é útil na medida em que é fonte de experiência e fortalecimento. Mas no momento em que o presente deve voltar-se ao futuro é a própria tradição que vem em seu auxílio.

Na história crítica é a própria tradição que é posta em questão. Aqui a vida precisa da ação, precisa destruir algo que a impede de crescer, precisa voltar-se para o futuro. Quando o passado chega a sufocar os homens é preciso dele se li-

7 *Idem*, vol. 1, pp. 513-516.

8 Nietzsche F., *op. cit.*, p. 127.

9 *Idem*, p. 128.

10 Andler refere-se a essa questão com a seguinte frase: «É a própria tradição que suscita sempre as revoluções». Ver Andler, C. *Op. cit.*, volume 2, p. 187.

bertar e reconhecer a necessidade de criar uma «nova natureza». É precisamente aí que a história se torna útil e mostra quantas modificações já ocorreram e foram possíveis. Formar uma segunda natureza é sempre uma iniciativa perigosa pois condenar as gerações passadas não apaga nossa origem nelas. A história portanto tem o papel de auxiliar a construção dessa «nova natureza» sem a qual corre-se o risco de permanecer preso ao passado.¹¹

Podemos relacionar aqui a história tradicionalista e a crítica, pois se a tarefa da primeira é conservar a memória do passado na medida em que este auxilia a vida, e a da segunda o trabalho negativo de romper com o passado, é um instinto construtivo que leva a última a destruir e, ao mesmo tempo, retornar ao passado para dele retirar lições. Mesmo tendo que ser destruído, o passado permanece com sua função educadora orientando os homens na formação de uma segunda natureza. Se a memória tradicionalista conserva o passado para se fortalecer, é uma mesma utilidade da memória que virá em auxílio dos homens, quando é necessário se modificar. Em ambos os casos não é tanto o passado que é conservado, mas tudo o que nele permite a vida e seu crescimento. É como experiência que o passado serve à vida. Esta noção parece, à primeira vista, estar invertida pois o passado, isto é, culturas desaparecidas, é o que permite às gerações presentes nascer e ao mesmo tempo é o que constitui uma rica fonte de experiência a todo o futuro. Isto porque o ponto de vista a partir do qual Nietzsche vê o passado é bastante distinto do moderno; não há essa distância que impede qualquer experiência e leva o homem moderno a fazer do passado Ciência, já que nada mais pode aprender com ele. É porque esse homem moderno é cético em relação ao futuro que o passado deixa de ter um sentido positivo na modernidade.

Estranho diálogo que Nietzsche elabora entre o passado, o presente e o futuro. A vida presente tem sua origem no passado e dele se serve como fortalecimento e experiência. Mas exatamente porque esse passado pode se cristalizar no presente e impedir seu crescimento é que o presente precisa do futuro e curiosamente vai buscá-lo no passado. Parece haver no passado uma riqueza de experiência, mas sobretudo há a possibilidade da experiência. Ao criticar os historiadores modernos, Nietzsche descreve a sua prática de dissecadores; o acontecimento ou a ação se torna história a partir da dissecação do ato passado e do impedimento de seu efeito por meio da consideração analítica.¹² Tornar a história Ciência é aniquilar seus efeitos, aniquilar portanto a memória que pode vir em auxílio da vida. Mas o que é uma experiência passada capaz de suscitar efeitos? Certamente não se trata apenas de ensinamentos, mas de um princípio da vida: o passado ensina que a vida é o que está em permanente crescimento e é esta experiência que suscita efeitos. Efeitos não de retomada do passado, mas de seu princípio. A única identidade entre as três dimensões temporais é dada por esta experiência, sem a qual o passado não possui mais vida, nem efeitos. E pode assim tornar-se um objeto de conhecimento «frio e objetivo».

11 A continuidade entre o cristianismo e a ciência, que Nietzsche desenvolve no capítulo 8 da «Segunda Consideração», parece ser uma forma de permanecer preso ao passado, já que o ceticismo, impedindo a crença no futuro, anula a possibilidade de amadurecimento de um novo ideal.

12 Nietzsche, F., *op. cit.*, Cap. 8.

3. A História como Obra de Arte

Nietzsche refere-se ainda a um terceiro tipo de história: o monumental. Esta é a história dos grandes momentos do passado, onde se funda para Nietzsche a crença na humanidade:

[...] crer que para mim um desses momentos altos do passado continua vivo e luminoso, é o fundamento da crença na humanidade [...] ¹³

O valor da humanidade está justamente na capacidade de atingir tais momentos, de aperfeiçoar e elevar a natureza. Mas se essa é uma capacidade humana, ela não se realiza necessariamente. Nietzsche se refere a uma luta entre dois tipos de humanidade onde «tudo aquilo que vive fora da atmosfera de grandeza protesta». Na *Genealogia da Moral*, Nietzsche desenvolve uma dupla noção de humanidade que tem como referência a vida: o tipo ativo e o reativo. Também neste ensaio ele parece diferenciar dois tipos de indivíduo e cultura de forma bastante semelhante à *Genealogia*. O que diferencia os tipos é o ponto de vista a partir do qual vêem a vida: os grandes homens pouco se preocupam com a finitude da existência, na medida que tomam por tarefa a grandeza da espécie humana através «de uma obra, uma arte, [...] uma criação.» ¹⁴ O segundo tipo é o homem «angustiado pela brevidade da vida», para quem importa a conservação da existência a todo preço.

A segunda semelhança com a *Genealogia* é o caráter de luta existente entre as duas espécies de homem:

Mas a crença de que tudo o que é grande deve ser eterno suscita justamente a mais terrível das lutas, porque tudo aquilo que vive fora dessa atmosfera de grandeza protesta [...] ¹⁵

Quando a história monumental é apropriada por este tipo de homens, eles elevam a sua grandeza até que o passado se torne incomparável, e que não possa nenhuma outra utilidade senão a de ser passivamente contemplado pelos homens modernos. Torna-se impossível o nascimento de uma arte autêntica no próprio presente, pois a grandeza foi relevada ao passado.

É porque existe em Nietzsche essa dupla noção de humanidade e essa luta, que a história ganha importância. Certos homens e culturas têm a capacidade de aperfeiçoar a natureza e torná-la uma obra de arte, têm portanto um sentido estético da existência, e é essa experiência que define o valor autêntico da humanidade. Se este valor se localiza no passado, é porque esta experiência foi apropriada e esvaziada na modernidade. Nesse sentido, a noção de novo e de futuro não está separada de um retorno ao passado. Este deve tornar-se um modelo para o futuro.

Portanto, a importância da História Monumental para o presente é resgatar a memória dessa cultura superior e que tal memória sirva de modelo e incentivo

13 *Idem*, p. 118.

14 *Idem*, p. 120.

15 *Idem*, p. 115.

aos que possuem como tarefa religar o fio partido da humanidade com sua grandeza. Esta história torna-se modelo de ação; não se busca retomar um passado perdido, mas obter ensinamentos que reorientem a cultura para a vida. A dimensão interessante da História Monumental é o fato de o passado ser ainda modelo de superação. Além de reorientar para a vida, ele ensina a «transformar numa prática superior o que aprenderam»¹⁶. Elevar-se sobre o próprio passado e intensificá-lo é a tarefa da história monumental. E é somente neste sentido que o passado pode ser compreendido como modelo para ação, na medida em que por seu tipo próprio de cultura, a ação é superação (ver Parte 1). Aprender com o passado já é superá-lo, aprender sua lição é tornar-se seu herdeiro.

Se nós fôssemos apenas epígonos, como poderíamos, considerando esta cultura como herança (a cultura grega) que nos está destinada, continuar a não ser nada de mais digno e grande do que epígonos?¹⁷

Ser herdeiro da Grécia antiga torna impossível ser apenas seu epígono. Esta herança supõe a ação.

Ao longo do ensaio, o valor da história monumental cresce na medida em que vai se esclarecendo a existência de dois tipos de homens e os elementos de uma cultura autêntica: a grandeza e a eternidade. O valor da história monumental nos indica qual é o modelo a seguir e com clareza Nietzsche vai propondo que tornemo-nos seus herdeiros. A partir daí, é possível esclarecer a relação direta entre o passado e o futuro e esta vivacidade que Nietzsche dá ao passado.

Na perspectiva de herança, o passado torna-se o local de nascimento de um ato ideal de cultura, cultura esta que por seu princípio de criação marca em seu nascimento uma experiência de conteúdo eterno e portanto uma experiência que se lança acima da própria temporalidade. Nietzsche a chamou de supra-histórica. Um passado que contém um tipo de experiência capaz de iluminar o futuro e isso não tanto no sentido de seus feitos, mas de seu próprio princípio, já não pode ser exatamente o passado. O seu grau de influência, a identidade que seu princípio é capaz de criar entre as três dimensões temporais abole a temporalidade para lançar-se na eternidade. Passado, presente e futuro se ligam entre si como herdeiros e, ao mesmo tempo, tal ligação significa afirmar a superação como relação de herança, e é este princípio criador que os iguala e os situa na eternidade. E é esta que caracteriza também o valor da história:

A missão da história é servir de intermédio entre eles, permitir o nascimento do homem de gênio e dar-lhes forças. O objetivo da humanidade não está no seu termo, mas nos seus exemplares superiores.¹⁸

Nesse sentido, o valor da história é o valor da história monumental. É porque esta possui um caráter supra-histórico que é capaz de orientar e iluminar o futuro. Nietzsche assim definiu o supra-histórico:

16 *Idem*, p. 123.

17 *Idem*, p. 176.

18 *Idem*, p. 187.

[...] forças que afastam o olhar do devir e o orientam para aquilo que confere ao devir um caráter de eternidade e de significação igual ao da arte e da religião.¹⁹

É pelo mesmo motivo que deve tornar-se modelo. Esta é a tarefa do filólogo que Nietzsche entende como «cientista artista» (ver nota 2, p. 290). Se a opção do filólogo de seu tempo é porque não se trata de restituir, mesmo por um sentimento exato, o que foi a Grécia. Não se trata de imitá-la. O conhecimento não deve tanto explicar quanto ter a capacidade de julgar. Não devemos pois copiar nem explicar o passado, mas utilizar sua experiência para sermos capazes de superá-lo.

A filologia é Ciência e Arte da vida na medida em que transforma a história em obra de arte e a utiliza para a ação. Tornar obra de arte é fazer do seu ensinamento um modelo e um conhecimento a serviço da vida.

Bibliografia

- Andler, C. *Nietzsche, sa vie et sa pensée*. Paris, Gallimard, 1958, vol. 3, pp. 159-294.
- Kaufman, S. «Os Conceitos de Cultura nas Extemporâneas ou a Dupla Dissimulação». *Em Nietzsche Hoje?*, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- «Art and History». *Em Nietzsche; Philosopher, Psychologist, Antichrist*, Princeton, Princeton University Press, 4a. ed., 1974.
- Nietzsche, F. «Da Utilidade e dos Inconvenientes da História para a Vida». *Em Considerações Extemporâneas*, Lisboa, Ed. Presença/Martins Fontes, 1980.

19 *Idem*, p. 201.